

## Lev Vigotski mediação, aprendizagem e desenvolvimento uma leitura filosófica e epistemológica

Resenhado por Renata Correa Rocha\*

FRIEDRICH, Janette. **Lev Vigotski mediação, aprendizagem e desenvolvimento uma leitura filosófica e epistemológica**. Tradução de Anna Rachel Machado e Eliane Gouvêa Lousada. Ed. Mercado de Letras, Campinas, SP, 2012.

A pesquisadora e professora Janette Friedrich, membro do grupo de pesquisa “História e Epistemologia das Ciências da Linguagem”, é uma grande especialista em Vigotski. Neste ano de 2012, a autora de *A significação histórica da crise em psicologia* (Paris, Dispute, 2010) e *A teoria da linguagem*, de Karl Buhler (Marseille, Agone, 2009), livros publicados em francês, lançou um novo livro, também em francês e recentemente traduzido por Ana Rachel Machado e Eliane Gouvêa Lousada.

Em *Lev Vigotski mediação, aprendizagem e desenvolvimento uma leitura filosófica e epistemológica*, Janette Friedrich nos traz uma oportunidade de conhecermos ainda mais sobre as obras desse autor já bastante conhecido e discutido por outros tantos escritores, o que pode trazer ao leitor certa desconfiança sobre a originalidade dessa nova obra. No entanto é importantíssimo frisar que esta originalidade está garantida, pois segundo Ana Luiza Smolka, que escreve o prefácio desse livro, “a novidade dessa publicação encontra-se no modo como a autora lê e dialoga com a teoria de Vigotski, como compreende e discute suas ideias, como nos convida a uma leitura que nos leva a pensar no interior do pensamento do autor”.

Friedrich inicia seu livro com uma volta ao início do século XX, um momento decisivo para a constituição das ciências do homem, pois um grande número de correntes que até hoje dominam o pensamento teórico e os métodos empíricos nas ciências do homem se constituíram nesse período. Para apresentar o pensador russo e soviético Lev Séminovitch Vigotski, a quem esta obra é dedicada, Friedrich utiliza-se de um método que busca discutir algumas partes da obra de Vigotski, tentando não “falar sobre ele”, mas sim pensar no interior de sua obra. Nas palavras da autora “mostrar o que ele faz, o que ele diz, quando ele o diz; pensar o que ele pensa, quando o lemos” (Friedrich, 2012, P. 14).

Portanto, para cumprir seu objetivo a autora apresenta em cinco capítulos questões relevantes que nos ajudam a entender a importância da obra de Vigotski na construção de uma psicologia como ciência que estuda o ser

humano, proporcionando a nós educadores uma definição da função da escola na formação deste.

No primeiro capítulo, intitulado “A psicologia é possível como ciência?”, Friedrich traz discussões do livro *A significação histórica da crise em psicologia*, escrito por Vigotski em 1927, no qual ele tentava desenvolver as bases e as premissas necessárias para uma psicologia que pudesse ser uma ciência por inteiro. Friedrich retoma a análise realizada por Vigotski do caminho das diferentes correntes de sua época, iniciando pela observação de que cada ciência define seu objeto com a ajuda de uma abstração primária. Retomando a questão da crise, Vigotski demonstra o problema da psicologia dos anos 20, apontando que nessa disciplina pode se encontrar pelo menos três abstrações psicológicas, que servem de base para uma corrente determinada.

A primeira delas é a psicologia do homem normal. A segunda corrente é a ciência do comportamento. E a terceira é a ciência da abstração. Ainda nessa retomada das diferentes correntes da psicologia, Friedrich recupera a distinção que Vigotski faz entre as ciências gerais e as ciências particulares e afirma que o conhecimento científico não se produz apenas por meio das experiências, das percepções, das observações e de sua denominação, mas também e em grande parte por meio de um trabalho sobre o conteúdo real dos conceitos, eis aí o que está na base do projeto vigotskiano de uma psicologia geral (FRIEDRICH, 2012, P. 33).

Diante da afirmação de Vigotski, Friedrich levanta os seguintes questionamentos: “o que é esse famoso conteúdo real de um conceito? Como se pode conhecer a realidade por meio dos conceitos?” Para responder a tais questionamentos a autora utiliza exemplos apresentados pelo autor.

O segundo capítulo, com título “O termômetro da psicologia”, traz discussões a respeito do método de pesquisa, que, segundo Vigotski, tem o objetivo de produzir a correspondência entre o conhecimento e a realidade. Para isso Friedrich recupera a discussão de Vigotski em relação aos métodos utilizados pela psicologia, na qual ele distingui dois grupos

\* Endereço eletrônico: r\_rocha82@yahoo.com.br

de métodos: o grupo dos métodos diretos e o grupo dos métodos indiretos, fazendo uma crítica aos métodos diretos e reexaminando os métodos que têm um caráter indireto, que para ele são métodos que nos aproximam da verdade, em que “interpretar significa recriar o fenômeno a partir de seus traços e de suas influências com base nas regularidades anteriormente estabelecidas” (VIGOTSKI, 1927, P. 164 apud FRIEDRICH, 2012, P. 44).

Diante de tais afirmações, Vigotski propõe a substituição dos conceitos de base: da consciência e de comportamento, por um outro que corresponde ao método indireto, o conceito de psiquismo. Friedrich retoma então o conceito de psiquismo, levando o leitor a entender tal conceito e demonstrando que esse só pode ser definido por meio de métodos indiretos, de construção de hipóteses, de reconstrução e de interpretação dos traços da filtagem.

No capítulo três, o próprio título, “A ideia de instrumento psicológico”, já nos dá uma noção do conteúdo que será nele discutido. Friedrich ressalta a importância da tese de Vigotski sobre os instrumentos psicológicos, pois para o autor todas as funções psíquicas superiores, como por exemplo, a atenção voluntária ou a memória lógica, surgem com o auxílio dos instrumentos psicológicos e, conseqüentemente, se constituem como fenômenos psíquicos mediatizados (FRIEDRICH, 2012, P. 53).

Para falar sobre esses instrumentos a autora recupera uma discussão sobre a memória natural e a memória artificial, demonstrando que a tarefa de memorização se realiza com o auxílio do instrumento psicológico.

Para deixar ainda mais clara a tese de Vigotski sobre esses instrumentos psicológicos, a autora faz uma diferenciação entre os instrumentos ou ferramentas de trabalho e os instrumentos psicológicos, e traz também argumentos encontrados em Vigotski para ajudar o leitor a compreender a escolha conceitual feita pelo autor ao utilizar o par de conceitos natural e artificial e não, como se poderia esperar, o par de conceitos natural e cultural. Outra questão que tem destaque nesse capítulo para a compreensão completa do que é para Vigotski, um instrumento psicológico, é a distinção entre a atividade mediatizada e a atividade mediatizante.

A autora faz ainda uma observação sobre a natureza sócio-histórica dos instrumentos psicológicos, demonstrando que o indivíduo interioriza as relações sociais que ocorrem entre as pessoas; assim sendo, “o indivíduo deve estar no centro da pesquisa, pois o que se estuda é o

indivíduo particular em sua qualidade de um ser pensante” (FRIEDRICH, 2012, P. 75).

No capítulo quatro, Friedrich retoma as discussões de Vigotski acerca de como se dá a formação dos conceitos, por isso recebe o título de “A formação dos conceitos na criança”. A autora inicia o capítulo trazendo uma crítica do autor em relação ao método da definição e o método da abstração, já que nenhum dos dois permite acesso ao pensamento da criança. Ressalta ainda a crítica de Vigotski em relação ao dispositivo de Ach, pois esse, assim como os outros métodos, também não permite descobrir a natureza genética do processo de formação de conceitos. Friedrich nos apresenta então, o método utilizado por Vigotski e Sakharov para o estudo dos conceitos, método que segundo Vigotski possibilitou o estudo de como o sujeito emprega os signos enquanto meios de dirigir suas operações intelectuais e como, em função desse modo de utilização da palavra, de sua aplicação funcional, se desenrola e se desenvolve todo o processo de formação do conceito em seu conjunto (VIGOTSKI, 1934, P. 202 apud FRIEDRICH, 2012, P. 86).

Para ajudar o leitor a ter maior compreensão sobre a especificidade da posição de Vigotski, a autora destaca duas diferenças em relação às três outras maneiras de definir e de analisar os conceitos. A primeira diferença refere-se à concepção da linguagem, pois para Vigotski “o pensamento não se expressa na palavra, mas se realiza na palavra” (VIGOTSKI, 1934, P. 428 apud FRIEDRICH, 2012, P. 87). A segunda diferença, de grande importância aos profissionais da educação, é que esse estudo permitiu reconhecer a existência de três grandes estágios de formação de conceitos no processo de desenvolvimento da criança: o estágio dos conceitos sincréticos, o estágio dos complexos e o estágio do pseudoconceito e o verdadeiro conceito.

Essa análise realizada por Vigotski do processo de formação dos conceitos e a interpretação que dela faz acarretam duas conseqüências em relação ao desenvolvimento: a primeira, o fato de que no processo de desenvolvimento da criança podemos identificar diferentes formas de pensamento em conceitos e que os conceitos utilizados por elas antes da adolescência compõem equivalentes funcionais; a segunda, o papel que Vigotski atribui à escola no ensino dos conceitos científicos.

Para finalizar, o quinto e último capítulo aborda exatamente a última conseqüência relatada no parágrafo anterior, recebendo o título “O aporte específico da escola”. A autora inicia-o fazendo uma diferenciação entre conceitos cotidianos e conceitos científicos, o que, segundo

ela, ajuda o leitor a compreender melhor o papel que Vigotski atribui à escola, já que para ele a especificidade dessa instituição é ensinar os conceitos científicos. Para Vigotski, é a capacidade de trabalhar com as generalizações já existentes que os conceitos científicos permitem, que deve ser privilegiada no ensino escolar. A partir de tal afirmação, a autora levanta dois questionamentos: “o que a criança adquire como capacidades quando se dá a aprendizagem dos conceitos científicos?” E “em que consiste, no final das contas, o aporte específico da escola?” (FRIEDRICH, 2012, P. 102).

Para responder a tais questionamentos, Friedrich retoma uma série de exemplos apresentados por Vigotski, e demonstra que a criança inicialmente utiliza ideias, operações, palavras sem ainda fazer generalizações a partir desse conhecimento, sem ainda ter consciência do conceito que está por trás de tudo isso. Assim sendo, a tomada de consciência, segundo Vigotski, é uma das duas principais neoformações da escola; a outra é o domínio ou a intervenção da vontade (VIGOTSKI, 1934, P.309 apud FRIEDRICH, 2012, P. 105).

Ainda discutindo as reflexões de Vigotski sobre a escola, Friedrich analisa a relação entre aprendizagem e desenvolvimento que, segundo ela, complementam tal discussão. Para estabelecer tal relação, Vigotski apresenta três teorias que procuram explicá-la. A primeira, que considera a aprendizagem e o desenvolvimento como dois processos independentes, a segunda, em que a aprendizagem e desenvolvimento são tratados como único e mesmo processo, e a terceira, que afirma uma verdadeira interdependência entre esses dois processos.

Sua própria concepção define-se a partir de duas grandes teses: a primeira afirma que “a

aprendizagem precede o desenvolvimento” (VIGOTSKI, 1934, P. 348 *apud* FRIEDRICH, 2012, P. 109), afirmação que se reflete no conceito de zona de desenvolvimento proximal, muito discutida nos últimos anos. A segunda certifica que o ritmo de desenvolvimento não coincide com o ritmo das aprendizagens.

É importante ressaltar que é o poder fazer e o saber fazer que demonstram o desenvolvimento da criança e, em consequência, o sucesso das aprendizagens. No entanto esse conhecimento não é dado nem adquirido, ele é mostrado, acentuado, demonstrado pelo professor e, a partir dessas operações, ele é construído pela criança. O que é mostrado pelo professor é usado como um instrumento pela criança que se transforma ao mesmo tempo em objeto e sujeito (FRIEDRICH, 2012, P. 114).

Isso esclarece a ideia de mediação discutida por Vigotski e demonstra a importância da participação ativa do aluno no processo de construção de seu próprio conhecimento, pois sem essa participação a aprendizagem não acontece.

Friedrich finaliza seu livro com uma conclusão que possibilita ao leitor uma retomada dos principais assuntos abordados em seu diálogo com Vigotski, proporcionando maior compreensão sobre a concepção de sujeito exposta ao longo dos capítulos.

Essa é uma obra que, sem dúvida nenhuma, demonstra o imenso conhecimento e capacidade que a autora tem em dialogar com esse autor tão importante para o campo da educação, evidenciando o papel da escola e dos educadores na formação desse sujeito ativo, capaz de em sua relação com o mundo utilizar os instrumentos necessários para a construção de seu próprio conhecimento.

### **Sobre a autora:**

**Renata Correa Rocha:** Mestranda em Educação pela Universidade São Francisco de Itatiba. Formadora de professores da rede Municipal de Itatiba. E-mail: r\_rocha82@yahoo.com.br

